

HERCULE POIROT: O HERÓI ONTEM E HOJE

Isabela Duarte Britto Lopes

Orientador: Carla de Figueiredo Portilho

Mestranda

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma proposta de estudo acerca da personagem Hercule Poirot nas obras de Agatha Christie e Sophie Hannah, autora contemporânea que escreveu *continuation novels* com o icônico detetive belga. Vale ressaltar que entende-se por *continuation novels* as obras literárias que retomam uma construção narrativa pré-existente, como no caso de Christie e Hannah. Assim como as personagens de Poe e Doyle, Hercule Poirot é caracterizado como um detetive-herói. Tal categoria reforça determinados ideais disseminados pela sociedade inglesa do século XIX e XX, como a importância do cientificismo ou a hegemonia do homem burguês nas cidades metropolitanas. Ao ser classificado como tal, entende-se que Poirot detém o papel e a capacidade de restabelecer uma ordem abalada através de um crime não solucionado pela polícia. Desta maneira, o papel desta figura dentro da literatura está atrelado à superioridade cientificista que o permite enxergar diferentes perspectivas para as mais diversas situações. Entretanto, Hannah, ao retomar em pleno século XXI o elemento heróico dos romances de enigma do século XIX e XX, levanta o questionamento acerca de qual seria o papel da personagem detetivesca atualmente se esta se encontra atrelada aos ideais e valores de um período anterior que não correspondem ao que se pode observar na contemporaneidade. Sendo assim, neste primeiro momento do estudo o foco está em averiguar a relevância do detetive belga nos romances de Christie, além de estabelecer hipóteses que possam explicar a retomada do personagem em pleno século XXI, seja devido à influência que o detetive exerce na sociedade contemporânea como uma figura heroica, um sentimento nostálgico de um cenário onde tudo era solucionado através da ciência ou algum outro fator que vá ser determinante à sua aparição nos dias atuais.

PALAVRAS-CHAVE: Detetive-herói; Continuation Novels; Ficção Detetivesca

Introdução

O trabalho em questão visa refletir sobre a figura da personagem detetive Hercule Poirot em dois diferentes cenários. O primeiro é o período entre as Grandes Guerras em que Christie escreveu suas obras tendo Poirot como protagonista. Para melhor desenvolvimento da pesquisa, as obras principais a serem trabalhadas encontram-se entre os anos de 1923 a

1934. Já o segundo contexto em que o detetive belga aparece foge das problemáticas da época, haja vista que as obras produzidas por Sophie Hannah em pleno século XXI não representam o panorama atual das angústias e dilemas sociais do mundo contemporâneo. Posto isto, o presente estudo busca compreender as motivações que trouxeram o icônico detetive belga para a contemporaneidade através das *continuation novels* da autora Sophie Hannah.

Entende-se por *continuation novels* obras que retomam um enredo já existente, mas que vem a ser revisitado em uma época póstuma a do autor/autora original. Desta maneira, Hannah adquiriu os direitos necessários com a família Christie para assim dar continuidade às aventuras de Poirot. Ao reavivar tal detetive, algumas características presentes nas obras originais se mantiveram, como o período em que as narrativas se desenvolvem. Por outro lado, observaremos que podem ocorrer rupturas e até novos elementos nas continuações, como um novo narrador-personagem, no caso de Hannah. Sendo assim, é válida a reflexão acerca de como tal figura é apresentada nos dois contextos e que relevância esta tem para os dias de hoje.

Em um primeiro momento, é relevante expressar o papel desempenhado pela imagem detetivesca nas narrativas do século XIX principalmente, em que personagens como Sherlock Holmes e o Chevalier Auguste Dupin passam a transmitir ideais da época através do meio literário. Posteriormente, Hercule Poirot também se reunirá com tais figuras que serão reconhecidas como os detetives-heróis. Com sua alta capacidade de solucionar problemas através do olhar científico e da racionalidade, a tríade se destacou por suas características peculiares e pela capacidade em restabelecer a ordem.

O segundo momento deste trabalho foca na representação da figura do detetive belga Hercule Poirot nas narrativas de Agatha Christie e como as características excêntricas desta personagem fazem com que ele seja uma figura em destaque na sociedade e nas narrativas da autora inglesa. Além disso, é importante ressaltar que Poirot apresenta características que também o distinguem dos famosos personagens de Poe e Doyle que virão a ser mencionados ao decorrer deste artigo, como também serão de extrema importância para melhor compreensão da construção da personagem.

Após a reflexão sobre a figura criada por Agatha Christie, será possível observar como a autora Sophie Hannah virá a retomar o detetive belga sem perder a essência do personagem e, ao mesmo tempo, fazer com que o protagonista continue sendo relevante para os dias atuais. Levando isso em consideração, surgem algumas hipóteses que nos fazem

questionar a necessidade da figura heroica em pleno século XXI, como uma possível desilusão em relação à humanidade que exige uma válvula de escape, ou também a necessidade de uma figura capaz de dar ordem ao caos.

A questão é que o detetive belga funciona como uma ponte entre obras de diferentes autoras que vivem em diferentes momentos da história, entretanto isso não muda a relevância do personagem clássico detetivesco, muito pelo contrário. As obras de Hannah incitam leitores a voltarem para uma época passada em que a ciência dava conta de explicar as catástrofes realizadas pelo homem, mas o que mudou a partir daí? Ao considerar obras teóricas de autores como Umberto Eco e Zygmunt Bauman, o presente trabalho procura tensionar as questões apresentadas sobre as obras de Christie e Hannah.

A figura do detetive como herói

Quando se fala em ficção detetivesca, é impossível não pensar em nomes como Dupin, Holmes e Poirot. Entretanto, é necessário refletir sobre o papel destas personagens dentro da literatura de crime e questionar-se sobre o porquê de determinadas qualidades elevarem os detetives para um grau acima da sociedade como um herói.

A partir do momento em que a visão religiosa teocêntrica perde espaço para a chegada do cientificismo, a camada burguesa passa a ganhar mais poder e, assim, começa a disseminar a racionalidade e a democracia na sociedade. Com um pensamento que valoriza o lógico, a metodologia científica, a razão e o poder da observação, a figura do detetive auxilia a proliferação destes ideais entre seus leitores.

(...) Em silêncio, ele realiza uma série de observações e inferências. Talvez seus companheiros façam o mesmo; a diferença na quantidade de informações que assim são obtidas não se baseia tanto na validade da inferência como na qualidade da observação. O conhecimento necessário é o do quê deve ser observado. (POE, 1841, p. 3)

De acordo com Haycraft (HAYCRAFT apud GILBERT, 1967, p. 257 tradução livre), a aparição dos detetives na literatura está associada com o crescente desenvolvimento da democracia e a aceitação pelas regras da razão. Historicamente, a ascensão da burguesia propiciou a decadência da Igreja em território político, e com isso a ciência passou a falar em nome do conhecimento.

Desta maneira, as transformações recorrentes na sociedade da época possibilitaram o surgimento do detetive no meio literário. Tal figura exalta ao extremo o uso da ciência de forma que tal personagem se destaca por utilizar o poder do intelecto para a resolução de crimes.

Além disso, ao pensar na imagem de Chevalier Auguste Dupin e de Sherlock Holmes, é possível assimilar o perfil do que seria um homem europeu e burguês da época. A característica burguesa também se encontra presente quando se trata de dinheiro, já que tal elemento representa fundamentalmente a burguesia.

- Isso não, eu lhe peço, mademoiselle. Não que o dinheiro não me interesse – seus olhos brilharam por um momento. – Dinheiro significa muito para mim, sempre significou. Não, se eu me envolver nisso, você deve compreender claramente uma coisa. Eu irei até o fim! O bom cão não abandona o faro, lembre-se! (CHRISTIE, 2014, pág. 88)

Devido à sua capacidade analítica e a habilidade de solucionar casos que parecem impossíveis aos olhos das forças institucionalizadas, o detetive oferece conforto para o leitor pela sua eficácia em restabelecer a ordem que foi perturbada por um crime. Umberto Eco denomina tal processo estrutura da consolação:

“tomar uma realidade cotidiana existente, onde se voltam a encontrar os elementos de uma tensão não resolvida (...), acrescentar um elemento resolutório em luta com a realidade inicial, e que se opõe a esta como solução imediata e consolatória das contradições iniciais.” (ECO, 2015, p. 191)

Sendo assim, a figura do detetive assume o papel de elemento resolutório que será capaz de solucionar uma tensão, seja um assassinato ou algum objeto roubado, por exemplo. Desta maneira, a leitura de uma obra detetivesca propicia ao leitor um sentimento de alívio e proteção pela personagem principal da trama que, pela sua capacidade em desfazer o caos, se torna heroica por natureza.

O Poirot de Agatha Christie

Entre tantos romances escritos pela autora inglesa Agatha Christie, a fama do excêntrico detetive belga Hercule Poirot é inegável. Aparecendo em mais de 40 obras, Poirot

se tornou um dos principais detetives da literatura detetivesca de enigma formando a tríade de ouro com Holmes e Dupin.

Assim como os detetives de Poe e Doyle, Poirot também se destaca da sociedade por sua capacidade de usar o intelecto para a solução de crimes que parecem sem possíveis resultados aos olhos da polícia. Além do uso da lógica e da ciência, outra característica marcante na personagem, que seria um ponto de divergência entre os outros detetives mencionados, seria a sua imagem física constantemente descrita de forma caricata:

Poirot era um homem extremamente baixinho. Não deveria ter mais do que 1,60m, mas tinha seu orgulho próprio e andava de cabeça erguida. Sua cabeça tinha o formato de um ovo, mas ele nunca ligou para isso. (...) Este homenzinho esquisito, que mancava um pouco, foi na sua época um dos melhores membros da polícia Belga. Como detetive tinha um talento extraordinário, conseguindo resolver casos complexos e emaranhados. (CHRISTIE, 1920, p. 16)

O que chama a atenção neste ponto é o fato de que tal persona continua representando uma figura de poder. É possível que tal efeito ocorra devido à grande circulação do personagem para lugares fora da Inglaterra e muitas vezes do continente europeu como em *Morte na Mesopotâmia* e *Assassinato no Expresso do Oriente*. Sendo assim, ainda que Poirot seja belga e tenha uma aparência que foge ao padrão, ele ainda é um homem burguês e europeu que representa uma classe de poder da sociedade inglesa do século XX.

Ainda assim, sua imagem caricata não passa despercebida. Os romances que giram em torno do detetive belga não apresentam um único narrador como no caso de Sherlock Holmes e Watson, seu fiel parceiro que narra seus grandes feitos aos leitores. Seja o Capitão Hastings, ou Ariadne Oliver, para citar alguns, Poirot sempre é reconhecido por sua fisionomia.

Entretanto, o fato de suas histórias serem contadas por diferentes narradores aumenta a credibilidade do detetive e seus feitos, já que não é observado apenas de uma única perspectiva como na relação Holmes/Watson. Somado a isso, as diferentes personagens que narram os eventos da obra ajudam a criar diferentes reações no leitor. Um forte exemplo disso ocorre em *O assassinato de Roger Ackroyd*, onde o próprio narrador comete o crime que dá início à história.

Ao mencionar a obra acima, pode-se observar outro elemento que eleva Poirot dos demais, ao solucionar o caso do assassinato de Roger Ackroyd, o detetive belga decide oferecer a James Sheppard, o assassino, uma possível alternativa de punição sem qualquer tipo de autorização.

- (...) Lembre-se do que eu disse, a verdade será levada ao inspetor Raglan amanhã de manhã. Mas, por sua boa irmã, estou lhe dando a oportunidade de outra saída. Pode haver, por exemplo, uma overdose de um sonífero. Você me entende? Mas o capitão Paton precisa ser inocentado - ça va sans dire. (CHRISTIE, 2014, p. 304)

Ao analisar o fragmento acima, é possível compreender que o detetive utiliza seu próprio código de conduta para fazer com que a ordem seja restabelecida sem causar impactos maiores do que os já ocorridos. A partir daí, percebe-se a presença de um arranjo que Eco (2015) denomina de “estrutura da consolação” que se fundamenta na ideia de que os romances de massa podem oferecer mais do que puro prazer; existe uma questão psicológica e até mesmo filosófica por trás das obras.

O autor de um romance popular jamais encara problemas de criação em termos puramente estruturais (“Como fazer uma obra narrativa?”) mas em termos de psicologia social (“Que problemas é preciso resolver para construir uma obra narrativa destinada a um vasto público e visando despertar o interesse das massas populares e a curiosidade das classes abastadas?”) (ECO, 2015, p. 190)

Nesta mesma obra em que disserta sobre a estrutura da consolação, Eco utiliza a figura do super-herói para demonstrar como tal figura funciona como um consolo para as massas. A figura detetivesca nas obras de Christie desempenha o mesmo papel, ainda mais ao levar em consideração o papel representado pela polícia em suas narrativas.

Apesar de ser um ex-policia, Hercule Poirot é uma figura que transcende a força policial, isto é, ele possui um conhecimento que diferencia o seu trabalho investigativo do que é realizado pela polícia. Conseqüentemente, os inspetores e policiais que aparecem ao decorrer da narrativa estão sempre limitados por seus conhecimentos técnicos e automatizados da instituição, além da própria questão da corrupção abalando assim, a imagem da figura policial.

- Mas tenho certeza de que a senhora sabe! Logo a senhora, que escreve histórias tão maravilhosas sobre crimes fantásticos... Tenho certeza de que as pessoas lhe contam coisas que não dizem nem à polícia. (...)
- A senhora entende o meu problema? - investiu novamente a sra. Burton-Cox. - Não posso ir à polícia perguntar sobre um crime que ela própria abafou... Preciso saber por outros meios! (CHRISTIE, 2016, p. 18)

No trecho acima, percebe-se que até uma simples autora pode obter mais informação do que a polícia, logo, imagine o que o famoso detetive belga Hercule Poirot não seria capaz de fazer?

Por todos os motivos apontados acima, a figura excêntrica e a nacionalidade do detetive criado por Christie não alteram o fato de que ele ajuda a reforçar os ideais da classe média da sociedade inglesa. Estas mesmas particularidades fazem com que Poirot represente uma figura heroica para a massa e o adequam para um período em que o mundo passa a explorar diferentes culturas e realidades entre as Grandes Guerras.

O Poirot de Sophie Hannah

Trinta e nove anos após a publicação do último caso de Hercule Poirot (*Cai o Pano* em 1975), Sophie Hannah trouxe nosso peculiar detetive de volta com seu sotaque, seu ar dândi e suas idiossincrasias. Apesar de Hannah ter escrito suas obras a partir de 2014, estas se ambientam durante os anos 20, período em que muitas histórias de Agatha Christie foram publicadas com o protagonista belga.

Ao analisar as obras de Hannah, é importante ressaltar que estas são caracterizadas como *continuation novels*, isto é, com o resgate de narrativas já existentes e a utilização de certos recursos, como a figura da personagem, cria-se uma nova história baseada na obra de outro autor. E assim surgiram *Os crimes do Monograma* (2014) e *Caixão Fechado* (2016), obras que têm como ponte com as narrativas de Agatha Christie a figura de Hercule Poirot.

Apesar de as narrativas serem escritas por uma autora diferente, muitas características dos romances detetivescos com o detetive belga foram mantidas: sua inigualável capacidade em solucionar casos que parecem impossíveis, suas manias e obsessões, a teatralidade ao apresentar algum resultado como se este fosse uma obra de arte e até mesmo uma relação de desdém com a polícia.

Entretanto, Hannah dá um certo poder à polícia ao nomear Edward Catchpool o narrador de suas duas *continuation novels*. O poder do narrador faz com que a visão do

inspetor da Scotland Yard possa ser observada e até mesmo questionada em muitos momentos. Entretanto, a relevância desta personagem se deve ao novo papel que uma figura policial passa a ter nos casos de Poirot: não só um parceiro que o acompanha e o auxilia, mas também o detentor das verdades que serão ditas ao decorrer daquela obra.

As obras de Christie foram narradas por múltiplos personagens como a escritora Ariadne Oliver, que inclusive narra mais de um dos feitos de Poirot e a enfermeira Amy Leatheran, além do próprio Capitão Hastings, figura que chega mais próximo do que seria um parceiro para Poirot. Já as de Hannah, apesar de existirem apenas duas, foram narradas unicamente pelo inspetor da Scotland Yard.

O fato de as narrativas serem relatadas por diversas figuras auxilia na noção de credibilidade dos feitos realizados pelo detetive, enquanto os feitos relatados por um único personagem põem em xeque esta ideia pois passa a ser vista por uma única perspectiva. Em termos de estrutura narrativa, Hannah argumenta que Catchpool também serviu como um recurso para a mudança estilística na escrita.

“Pareceu razoável introduzir um novo narrador para acompanhar a inevitável mudança estilística na escrita. Edward Catchpool vê Poirot com seus próprios olhos e me permite escrever do meu jeito continuando fiel ao incrível personagem e seu período.” (2016, tradução livre)

Outro aspecto interessante ao que concerne a figura do narrador é que Poirot enxerga Catchpool como uma figura com potencial para se tornar um bom detetive, ao contrário de tantos outros inspetores da Scotland Yard. Consequentemente, Poirot acaba não sendo só o detetive solucionador do caso, como também um mentor para o policial que o acompanha em suas investigações, apesar de o inspetor apresentar muitas dificuldades em acompanhar os raciocínios de Poirot.

“- Porque, meu amigo, eu queria encorajá-lo a imaginar. Se você não considerar a mais improvável das possibilidades, não vai ser o melhor detetive que puder. É a formação das células cinzentas, forçá-las a seguir direções incomuns. Daí vem a inspiração” (HANNAH, p. 282, 2014).

Somando aos fatores citados, o Poirot de Hannah parece mais ativo, usa meios de transporte público e parece disposto a sair e perambular pelas ruas inglesas durante o inverno. O fato de a personagem ganhar mais mobilidade não muda a sua preferência pelo conforto,

uma exemplo disso é que muitas vezes Poirot pede para Catchpool fazer o “trabalho duro”, como ficar de tocaia durante a madrugada enquanto ele dorme, ou ir para uma cidadezinha inglesa para coletar mais informações sobre algum caso.

Entretanto, o que mais marca o trabalho de Hannah em comparação com o de Christie é a ideia de que Poirot comete um erro em *Caixão Fechado* (2016). Ao tentar proteger uma pessoa de ser assassinada, acaba se equivocando e escoltando a pessoa errada enquanto um crime ocorria bem debaixo de seu nariz. Sendo assim, presume-se que por trás do erro fica a ideia de desmistificação do herói, já que mesmo sendo capaz de solucionar o crime, ele não impede que ele aconteça.

Além disso, em determinados momentos da narrativa Poirot não parece mais tão seguro no que diz respeito aos seus feitos. Tais elementos fazem com que o detetive seja capaz de refletir certos anseios e aflições presentes na sociedade do século XXI, sem fugir da essência do personagem e sem descaracterizar o meio em que se passa a história.

Isto foi interessante, pensei. Como Scotcher, eu não podia imaginar Poirot deixando de resolver um caso, e esperara que ele dissesse algo para indicar que o caso Hampshire chegara a uma conclusão satisfatória. Em vez disso, ele mudara completamente de assunto. (HANNAH, 2016, p. 49)

Seguindo a noção de modernidade apresentada por Bauman (2001) e a ideia de liquidez, que consiste na dissolução de modelos concretos estabelecidos por ideias binárias como bem/mal, louco/são ou herói/vilão, percebe-se que estes elementos fixos e sólidos dão lugar a figuras que podem misturar e cambiar entre si, como um Poirot passível de cometer erros e até de apresentar traços de insegurança. O fato é que este fator traz um elemento chave da sociedade contemporânea: o “derretimento dos sólidos”.

“O “derretimento dos sólidos”, traço permanente da modernidade, adquiriu, portanto, um novo sentido, e, mais que tudo, foi redirecionado a um novo alvo, e um dos principais efeitos desse redirecionamento foi a dissolução das forças que poderiam ter mantido a questão da ordem e do sistema na agenda política” (BAUMAN, 2001, p. 13)

Ao introduzir ideologias modernas na personagem detetivesca em estudo, é possível visualizar como Hannah possibilitou que ocorresse uma relação de identificação do leitor com a personagem, ainda que através de uma figura que representa ideologias do século passado. Tais adaptações mostram que as *continuation novels* não são puras cópias de uma

obra anterior, e sim, a remodelação de um personagem para que este possa se perpetuar em uma nova era.

Considerações finais

Haja vista as análises realizadas no decorrer deste artigo, resta ponderar o motivo de retomar tais figuras que fogem das ideias de instantaneidade e do caos tecnológico que vive-se durante o século XXI. Sendo assim, as questões que ainda serão respondidas ao longo do curso do Mestrado concernem às possibilidades que são apresentadas quando o assunto é *continuation novels*.

Uma das possíveis teorias seria por um sentimento nostálgico que faz com que os leitores procurem por uma válvula de escape onde o detetive ainda é capaz de restabelecer a ordem. Tal argumento se relaciona com a ideia de Bauman sobre os sólidos que representam o mundo pré-moderno e a necessidade de diluí-los.

“Os tempos modernos encontraram os sólidos pré-modernos em estado avançado de desintegração; e um dos motivos mais fortes por trás da urgência em derretê-los era o desejo de, por uma vez, descobrir ou inventar sólidos de solidez *duradoura*, solidez em que se pudesse confiar e que tornaria o mundo previsível e, portanto, administrável.” (BAUMAN, p. 10. 2001)

Pode-se pensar também em um retorno das figuras heroicas, não só dos detetives, diga-se de passagem, como uma tentativa de restaurar um sentimento de otimismo e esperança no que diz respeito à sociedade moderna. Ou seja, um mundo que pode vir a ser salvo apesar de todas as inconstâncias e frustrações da contemporaneidade.

A questão é que as *continuation novels* crescem cada dia mais englobando obras de Stieg Laarson, Raymond Chandler e até mesmo Conan Doyle, sem mencionar outros gêneros literários. O retorno aos clássicos brinca com a ideia do seguro e ao mesmo tempo possibilita novos caminhos para novas narrativas e é a partir desta ideia, que a pesquisa apresentada procura seguir.

REFERENCIAS

An Interview with Sophie Hannah. Disponível em: <<http://www.agathachristie.com/news/2016/an-interview-with-sophie-hannah>> Acesso em: 31/08/2017>. Acesso em: 10 ago. 2018.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2001

CHRISTIE, Agatha. *O Misterioso Caso de Styles*. [S.l.: s.n.], 1920. 156 p. Disponível em: <<https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1Q2Dv4zRs9NnKlIDF-voCmSPicJnbRWWR?ogsrc=32>>. Acesso em: 13 ago. 2018.

_____. *Assassinato no Expresso Oriente*. Tradução de Petrucia Finkler. Porto Alegre, RS: L&PM, 2017.

_____. *O Assassinato de Roger Ackroyd*. Tradução de Renato Rezende. 4ª ed. São Paulo, SP: Editora Globo, 2014.

_____. *Morte na Mesopotâmia: um caso de Hercule Poirot*. Tradução de Milton Persson. Rio de Janeiro, RJ: HarperCollins Brasil, 2016.

_____. *Os Elefantes Não Esquecem*. Tradução de Newton Goldman. Rio de Janeiro, RJ: HarperCollins Brasil, 2016

ECO, Umberto. *Apocalípticos e Integrados*. Tradução de Pérola Carvalho. 7ª ed. São Paulo, SP: Perspectiva, 2015

GILBERT, Elliot L. *The detective as metaphor in the nineteenth century*. *Journal of Popular Culture*, v.1, n.3 (1967). p.256-262.

HANNAH, Sophie. *Caixão Fechado*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. 1ª ed. Rio de Janeiro, RJ: HarperCollins Brasil, 2016.

_____. *Os Crimes do Monograma*. Tradução de Alyne Azuma. 1ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2014.

POE, Edgar Allan. *Assassinatos na Rua Morgue*. [S.l.: s.n.], 1841. 21 p. Disponível em: <http://www.lpm.com.br/artigosnoticias/arquivos/trilogia_poe_assassinatos.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2018.